

Mulheres no telejornalismo brasileiro: a cobertura da pandemia de Covid-19 no Fantástico¹

Giordano de Arruda Tomaselli²
Tamires Ferreira Coêlho³
Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Este trabalho parte de uma pesquisa de iniciação científica em andamento que tem por objetivo codificar e analisar a presença e representação feminina nas reportagens sobre a pandemia de Covid-19, seus desdobramentos e consequências, no programa de televisão Fantástico, exibido pela Rede Globo, especificamente durante os meses de abril de 2020 e de 2021. Foram escolhidos esses meses pois foram dois momentos diferentes da pandemia no Brasil: em 2020, o assunto era novo, pois havia pouco mais de um mês do primeiro caso registrado no país; já em abril de 2021, o Brasil estava saindo do seu maior pico de casos e mortes. Até o momento, somente as edições de 2021 foram codificadas e espera-se que, após finalizar a codificação dos programas de ambos os anos, análises comparativas sejam feitas para observar padrões e especificidades, problemáticas de gênero na cobertura ou reprodução de preconceitos e estereótipos de gênero, por exemplo. A Covid-19 é causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e não tinha sido identificado em humanos ainda até os primeiros casos serem notificados na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China, em dezembro de 2019⁴. Devido à sua alta transmissibilidade, o vírus acabou se espalhando por vários países e provocando colapso nos sistemas de saúde, levando a Organização Mundial da Saúde a declarar situação de pandemia em 11 de março de 2020. Desde então, a pandemia alterou a vida de muita gente no mundo inteiro ao inserir novos hábitos como o uso de máscaras, os lockdowns, o isolamento e distanciamento social, mas também nos fez assistir ao alto número de vítimas diárias. A partir daí, o jornalismo ganhou uma importância chave nesse contexto de pandemia e isolamento social: a de manter a população informada sobre o vírus e suas consequências. A partir desse

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de junho de 2022.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFMT. Email: giordanoarruda@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMT. E-mail: tamiresfcoelho@gmail.com

⁴ Informações trazidas do texto “O que é a Covid-19?”. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 02/04/2022

contexto, notou-se que observar o comportamento de um programa jornalístico consolidado, sobretudo quanto à perspectiva de gênero, se torna de suma importância, principalmente, em um momento excepcional, uma pandemia global, além das interseccionalidades entre categorias como raça e classe, que se juntam à análise, sendo parte essencial dela. É importante e estratégico investigar sobre os processos comunicativos durante a maior pandemia do século, pois refletem sobre características inerentes às apropriações de tecnologias de produção informacional televisiva, percebendo limitações e potencialidades da produção informacional brasileira e considerando que as informações, sobretudo em um cenário pandêmico, são um serviço essencial à população. Segundo Santos (2020, p. 15), “a quarentena será particularmente difícil para as mulheres”, podendo até ser perigosa, pois “as mulheres são consideradas as cuidadoras do mundo, dominam na prestação de cuidados dentro e fora das famílias”, evidenciando um sistema social balizado por desigualdades de raça, gênero e classe, inclusive institucionalizadas, em que bell hooks (2018) já dizia que mulheres negras estão na base da pirâmide econômica. A presença feminina nas redações jornalísticas até meados do século XX era muito rara e, segundo Bandeira (2016 apud ALCÂNTARA, 2021), quando chegaram às redações brasileiras, as mulheres assumiram cargos destinados aos assuntos tidos como “femininos”, como entretenimento, fofocas, moda, beleza, família e afazeres domésticos. Hoje, mesmo sendo a maioria nas redações e nos cursos de graduação em Jornalismo no Brasil, as mulheres ainda não têm uma ocupação proporcional nos postos de trabalho (ALCÂNTARA, 2021). Lima (2020, p. 33) cita ainda que “segundo Moreno (2017), no que diz respeito à aparição das mulheres em telejornais, elas, frequentemente, aparecem como vítimas ou testemunhas anônimas nos noticiários, poucas vezes as mulheres aparecem como fonte especialista”. Além disso, considera-se importante observar questões de interseccionalidade, pois, mesmo sendo a maioria da população brasileira segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística⁵, quando se trata de televisão, a mulher negra fica restrita a uma função inferior, subalterna e de pouca visibilidade. Galdino aponta que “a baixa participação das mulheres negras titulares nos programas televisivos é visível, mostrando desvalorização e exclusão das profissionais”, pontuando ainda que, apesar de atualmente haver uma presença maior de profissionais negras nas bancadas de telejornal, nas reportagens e de haver a valorização de algumas profissionais, isso não é regra e “o caminho parece ainda longo e árduo

⁵ Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016, divulgada em 2017. Disponível em: <https://censos.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos.html>. Acesso em: 09/02/2022.

para que a representação do negro seja condizente com a sua presença e importância na sociedade brasileira” (GALDINO, 2018, p. 36-37). Lélia Gonzalez (2020, p. 47) já afirmava há décadas que os meios de comunicação de massa aqui na América Latina não só reproduzem como também perpetuam “uma crença de que as classificações e os valores da cultura ocidental branca são os únicos verdadeiros e universais”. O jornalismo deveria, teoricamente, apresentar uma maior diversidade de fontes, de modo que refletisse a pluralidade da nossa sociedade, mas, conforme Moraes e Silva (2019), por muito tempo, o jornalismo se eximiu de trazer problemáticas relativas a parcelas gigantescas da sociedade. Além disso, é essencial discutir a importância das fontes em toda produção e estar ciente de como a escolha e seleção dessas fontes diz muito sobre o veículo, o jornalista responsável e a mensagem que se quer passar, isso faz das fontes um elemento indispensável em qualquer produto jornalístico. Segundo Chagas (2019, p. 1246), “a rede noticiosa depende das fontes para a promoção e apuração das informações”. Levantar questões sobre fontes e desigualdade de gênero é importante porque, a partir daí, podemos “refletir sobre os aspectos da noção de objetividade jornalística dominante e suas relações com a prevalência do machismo e do racismo nas estruturas de produção do conhecimento jornalístico” (MORAES; SILVA, 2019, p. 3). O programa selecionado para ser monitorado foi o Fantástico, da TV Globo, devido à sua importância como um programa jornalístico de alcance e relevância nacional, que é líder de audiência aos domingos, segundo o Kantar IBOPE Media⁶, praticamente desde quando estreou, há 47 anos⁷ e tem destacado desde o início de 2020, em todas as suas edições, assuntos relacionados à pandemia de Covid-19 no Brasil e no mundo. Quanto à metodologia, é utilizada a Análise de Conteúdo (AC) segundo Bardin (2016), associada à construção de uma tabela que tem como base a metodologia e codificação do Monitoramento Global dos Media (WACC, 2020; 2021), aplicada em um produto audiovisual. Esse monitoramento do GMMP é realizado há mais de 20 anos em dezenas de países ao redor do mundo e é capaz de fornecer uma radiografia abrangente da situação das mulheres e as dimensões de igualdade de gênero no conteúdo dos meios de comunicação jornalísticos. Quanto ao corpus de análise, delimitou-se a codificação das reportagens que tratam especificamente sobre a pandemia de Covid-19 e suas consequências, portanto, materiais que sejam de cunho jornalístico. Pequenas notas, conteúdos

⁶ Para mais informações, acessar: <https://www.kantaribopemedia.com/conteudo/dados-rankings/audiencia-tv-15-mercados/>. Acesso em: 17/11/2021.

⁷ Em toda sua história o programa dominical foi poucas vezes ameaçado na liderança da audiência: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/em-1976-os-trapalhoes-ameacaram-o-fantastico-e-foram-contratados-pela-globo--9428>. Acesso em: 17/11/2021.

focados em entretenimento e também de esportes não serão consideradas para esta análise, obedecendo, assim, regras como as de homogeneidade e pertinência, propostas por Bardin (2016). Foram analisadas quatro edições que foram ao ar no mês de abril de 2021, material coletado através da plataforma de streaming Globoplay. Nas análises preliminares realizadas até agora, observou-se que referências à igualdade de gênero, à legislação de direitos humanos ou políticas, e também a questões de desigualdade entre homens e mulheres e desafios a estereótipos de gênero só foram abordadas em uma das quatro edições de 2021, em 04 de abril. As duas primeiras edições do mês trouxeram bem mais diversidade no que se refere à identidade de gênero de jornalistas e repórteres, pois, nas duas últimas, há uma predominância masculina. Foram encontradas também algumas lacunas: a maioria das fontes ouvidas tinha como função, na notícia, contar sobre sua própria experiência pessoal e as fontes especialistas ou comentaristas trazidas foram, em sua maioria, do sexo masculino, por exemplo. Além disso, nenhuma notícia apresentou alguém em parcela minorizada de orientação sexual e nenhuma pessoa trans aparece como fonte especialista ou comentarista.

PALAVRAS-CHAVE: Fantástico; Desigualdade de Gênero; Pandemia; Telejornalismo.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, J. (2021). Gênero e jornalismo: quem produz as notícias e como influenciam no discurso. In: **Observatorio (OBS*) Journal**, v. 15, n. 1, 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CHAGAS, L. J. V. A seleção das fontes e a terceirização na construção das notícias: dependência e passividade na CBN Ponta Grossa. In: **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**. 2019, p. 1243-1253. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/ESMP/article/view/65576/4564456553787>. Acesso em: 15 fev. 2022.

GALDINO, M. A escassez de jornalistas negras na bancada do telejornalismo brasileiro. In: SANTOS, M.; TEMER, A. C. R. P. (Org.). **Mulheres no jornalismo: práticas profissionais e emancipação**. São Paulo: Casper Líbero, 2018. p. 33-53 Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2018/11/Mulheres-no-jornalismo.pdf#page=33> >. Acesso em: 09 set. 2020.

GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLANDA, H. B.; VAREJÃO, A. (Org). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais** (versão PDF). 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

hooks, b. **O feminismo é para todo mundo**. Tradução Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LIMA, D. S. **A presença das mulheres como fontes de informação no telejornalismo:** uma análise do jornal hoje e do JMTV 1ª edição. 2020. 76 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2020.

MORAES, F.; SILVA, M. V. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: XXVIII Encontro Anual da Compós. **Anais...** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: https://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_5LFXYWXMOTM6JSBQBBT_28_7677_20_02_2019_17_55_17.pdf. Acesso em: 16 mai. 2020.

SANTOS, B. S. **A Cruel Pedagogia do Vírus** (versão PDF). Coimbra: Almedina, 2020.

WACC. **The Global Media Monitoring Project 2020**. 2020.

WACC. **The Global Media Monitoring Project 2020: Brasil National Report**. 2021.